

**A RESITÊNCIA DOS ESTUDANTES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA**

**LA RESISTENCIA DE LOS ESTUDIANTES EN EL MODO DE PRODUCCIÓN  
CAPITALISTA: CONSIDERACIONES SOBRE EL MOVIMIENTO ESTUDIANTE  
SECUNDARISTA**

**THE RESISTANCE OF STUDENTS IN THE CAPITALIST PRODUCTION MODE:  
CONSIDERATIONS ON THE SECONDARY STUDENT MOVEMENT**

Renata Bento Leme<sup>1</sup>

**Resumo:** A sociedade capitalista, com o modo de produção que visa à acumulação de capital, acaba por gerar grandes conflitos entre duas classes antagônicas: classe trabalhadora e classe dominante, e o Estado tende a gerir as políticas públicas a fim de atender interesses da classe dominante. Entretanto, a exploração demasiada por esse sistema, culminará na organização dos sujeitos explorados que, unidos em movimentos sociais, contestará a ordem vigente. Aos trabalhadores resta a resistência e a reivindicação de seus direitos. Este texto tem o objetivo de discutir sobre como a organização da sociedade capitalista culmina na resistência de estudantes, que integram o Movimento Estudantil Secundarista. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que se embasa na metodologia do Materialismo Histórico.

**Palavras-chave:** Educação; Materialismo Histórico; Movimento Estudantil Secundarista.

**Resumen:** La sociedad capitalista, con el modo de producción que apunta a la acumulación de capital, acaba por generar grandes conflictos entre dos clases antagónicas: clase obrera y clase dominante, y el Estado tiende a gestionar las políticas públicas a fin de atender intereses de la clase dominante. Sin embargo, la explotación demasiada por ese sistema, culminará en la organización de los sujetos explotados que, unidos en movimientos sociales, contestará el orden vigente. A los trabajadores queda la resistencia y la reivindicación de sus derechos. Este texto tiene el objetivo de discutir sobre cómo la organización de la sociedad capitalista culmina en la resistencia de estudiantes, que integran el Movimiento Estudiantil Secundarista. Se trata de una investigación bibliográfica que se basa en la metodología del Materialismo Histórico.

**Palabras clave:** Educación; Materialismo Histórico; Movimiento Estudiantil Secundario.

**Abstract:** Capitalist society, with the mode of production that aims at the accumulation of capital, generates great conflicts between two antagonistic classes: the working class and the ruling class, and the State tends to manage public policies in order to serve class interests dominant. However, too much exploitation by this system will culminate in the organization of exploited subjects who, united in social movements, will contest the prevailing order. Workers are left with resistance and the claim of their rights. This text aims to discuss how the organization of capitalist society culminates in the resistance of students, who are part of the Secondary Student Movement. This is a bibliographical research based on the methodology of Historical Materialism.

**Palavras-chave:** Education; Historical Materialism; Secondary Student Movement.

### **Introdução**

Toda sociedade é caracterizada pela organização de seu modo de produção e de distribuição de bens elementares a vida humana. O capitalismo, sistema a qual a maior parte dos países estão submergidos, tanto a produção e ainda mais a distribuição de bens acaba sendo desproporcional, deixando assim uma pequena parcela da população acumular capital, enquanto uma grande maioria é explorada e não tem acesso ao que produz. A divisão do trabalho amplia demasiadamente a exploração de

trabalhadores por diversas regiões do mundo, defendido por uma parcela mínima<sup>2</sup>, uma minoria prepotente<sup>3</sup>, que coopta a população, uma maioria desvalida (FRIGOTTO, 2011), para o trabalho e inculca na cabeça dos indivíduos que esse é o sistema econômico justo, no qual todos terão as mesmas oportunidades. A busca ilusória por oportunidades extirpa da vida do sujeito trabalhador seu direito aos bens mais elementares à sobrevivência. Ao tentar oportunidades para garantir uma melhora nas condições de vida, esse trabalhador estará garantindo o engenhoso sistema econômico capitalista que garante o lucro apenas para a parcela detentora do grande capital: os proprietários dos meios de produção, a classe dominante. Ao trabalhador, pouco resta em termos de direitos, e muito lhe resta em termos de deveres. Seu modo de vida é determinado pelo consumo e por um projeto de sociedade na qual a maioria da população é participe apenas como sujeitos trabalhadores. Assim, como explica Marx (1979), a sociedade se divide em duas classes antagônicas: a “classe detentora dos meios de produção” (a minoria prepotente, detentora do capital) e a “classe trabalhadora” (a maioria desvalida, que vende sua força de trabalho, base sem a qual uma sociedade capitalista não se sustentaria).

O desenvolvimento econômico, sem ser acompanhado pelo desenvolvimento social, o sistema de acumulação flexível, a financeirização da economia e toda mudança pela qual passa o sistema econômico capitalista mundialmente, tem levado os trabalhadores a se unirem em Movimentos Sociais na defesa por melhorias de condições de trabalho, salário e serviços sociais. A luta do trabalhador pode ser pela superação do sistema capitalista que explora a massa trabalhadora e a deixa na miséria, ou pode acontecer também por meio do reformismo, pequenos ajustes, sem grandes preocupações com a alteração da estrutura econômica e social.

O objetivo deste texto é discutir sobre como a organização da sociedade capitalista culmina na resistência dos estudantes que integram o Movimento Estudantil Secundarista. Parte-se da hipótese de que a organização da sociedade pautada no modo de produção que visa à acumulação de capital para uma pequena parcela da população, e, conseqüentemente, para que isso ocorra, explora a classe trabalhadora. Entretanto, como meio de resistência a classe trabalhadora se une por meio dos movimentos sociais.

Na lógica do sistema capitalista, a educação acaba por ser um meio ao qual a classe dominante utiliza para formar os sujeitos para o mercado de trabalho, e tende a depositar no alunado a exigência de busca pelo conhecimento partindo de suas experiências, que nada mais é do que uma forma de atender a necessidade do modo de produção capitalista que busca indivíduos flexíveis, aptos a se adaptarem ao mercado de trabalho. No entanto, ao longo do desenvolvimento desse sistema gerou resistência por parte dos estudantes secundaristas, oriundos em sua maioria da classe trabalhadora.

Para compreender o Movimento Estudantil Secundarista como um meio de resistência ao sistema capitalista, o texto segue organizado em duas seções, na primeira parte discute-se sobre a organização da sociedade com o modo de produção capitalista que tende a explorar demasiadamente a classe trabalhadora, a educação é usada para formação de força de trabalho e também, um meio alienante dos sujeitos. A seguir faz a discussão da organização dos estudantes secundaristas, que apesar de não estarem, em sua maioria, no mundo social do trabalho, são filhos de trabalhadores e, portanto pertencentes à classe trabalhadora.

### ***O modo de produção capitalista e a oferta da educação***

A natureza não produz “os donos do capital” e os que necessitam vender sua força de trabalho, essa divisão não é natural como há tempos atrás foi difundida. A forma como a sociedade se organiza é em torno de um sistema capitalista em que o modo de produção visa à acumulação de capital, criando assim duas classes antagônicas: a que vende sua força de trabalho, classe trabalhadora; e a que possui os meios de produção, classe dominante. Por ser detentora dos meios de produção, a classe dominante impõe seus desejos e explora a classe trabalhadora. Para isso, utiliza meios para a alienação do trabalhador e terá o aval do Estado, que através das políticas públicas atenderá as vontades dos donos do capital.

A questão do Estado assume, em nossos dias, particular importância, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista política prática. A guerra imperialista acelerou e avivou ao mais alto grau o processo de transformação do capitalismo monopolizador em capitalismo monopolizador de Estado. A monstruosa escravização dos trabalhadores pelo Estado, que se une cada vez mais estreitamente aos onipotentes sindicatos capitalistas, atinge proporções cada vez maiores. Os países mais adiantados se transformam (referimo-nos à "retaguarda" desses países) em presídios militares para os trabalhadores (LENIN, 1987, p.7).

Segundo Netto, (2006, p. 16-17) “somente quando se instaurou a sociedade burguesa que o ser social pode surgir a consciência humana como um ser que, condicionado pela natureza, é diferente dela”. As relações sociais são apreendidas pelos sujeitos como um resultado da interação, de seus interesses e de seus conflitos. Nesse processo social eles podem perceber-se como frutos de suas ações, e é nessa sociedade que se compreendem como autor de suas próprias histórias. Entretanto, como a sociedade é fundada a partir da exploração e da opressão, a dinâmica do capitalismo produz meios para ocultar essa consciência. Através da alienação<sup>4</sup> e a reificação<sup>5</sup>, unidas ao fetichismo<sup>6</sup> de mercadoria, acabam por criar uma realidade coisificada<sup>7</sup>, ou seja, mostra as relações sociais por meio de coisas que se tornam alheias ao indivíduo.

Além disso, a organização da sociedade acaba produzindo crises econômicas que geram conflitos. Como afirma Netto (2006, p.32) “esta sociedade apenas se desenvolve através de crises econômicas inelimináveis e vai reproduzindo, em todos os seus níveis e dimensões, conflitos e tensões que, acumulados e multiplicados, incompatibilizam a maioria dos homens com o modo de vida imperante.” Essas crises são condições para a existência de uma sociedade fundada no modo de produção capitalista que visa à acumulação de capital. Para equacionar a crise a sociedade burguesa conduz os indivíduos à barbárie, o aumento da exploração e retirada de direitos. Segundo Marx (1979, p.117), a relação de produção que a classe dominante se move tem caráter dúplice, pois, “nas mesmas relações em que se produz a riqueza, também se produz a miséria; que, nas mesmas relações onde há desenvolvimento das forças produtivas, há uma força produtora de repressão.”

O reformismo e os pequenos ajustes reclamados pela classe trabalhadora podem, em algumas ocasiões, beneficiar o próprio sistema capitalista. A classe dominante, para diminuir a pressão que os movimentos sociais causam ao reivindicar seus direitos, faz ajustes para ceder os direitos dos trabalhadores de uma maneira em que a dominação e a exploração não fiquem em evidência. Ou seja, os ganhos providos da luta muitas vezes é apenas uma forma conter a classe trabalhadora.

Não estou querendo dizer que o capitalismo regulado não seja mais humano que o desregulado, nem que as lutas para reformar o sistema são pura perda de tempo. Ao contrário, continua vitalmente importante lutar por toda melhoria possível nas condições de vida e exercer a maior vigilância possível sobre os efeitos destrutivos do capitalismo. Isso significa lutar pela desmercantilização e pela democratização do maior número possível de esferas da vida, por exemplo, nos serviços públicos e sistemas de saúde, na questão da moradia e no provimento das necessidades básicas, entre outras. Ao final, será preciso haver uma verdadeira transformação sistêmica; enquanto isso, a boa notícia é que as possibilidades de lutar dentro do sistema capitalista, para obter o possível, são maiores do que permite entrever a maioria das concepções sobre a globalização (WOOD, 2014, p. 49).

A organização dos trabalhadores em movimentos sociais tende a ocasionar o surgimento da consciência de classe a partir das lutas travadas contra os donos do capital, “os operários se constituíram em *classe para si*” (ROSA; NASCIMENTO, 2014, p. 7). De acordo com Rosa e Nascimento (2014, p. 7) “O fato de a classe em si não estar organizada em *classe para si* não significa que as resistências das classes dominadas não afetam as instituições e o processo político.” O conceito *classe para si*, para Marx, refere-se às aspirações e oposições que um determinado grupo tem em comum. A isto se deve a consciência de classe e a percepção de pertencimento a uma determinada classe. Os sujeitos sociais, a partir da consciência de classe, juntam-se em movimentos coletivos de reivindicações obtendo uma identidade de classe. Diferente da *classe em si*, para Marx (1979), corresponde a colocação no processo de produção, o sujeito não tem a consciência da classe a qual pertence.

A burguesia começa com um proletariado que, por seu turno, é um resto do proletariado dos tempos feudais. No curso do seu desenvolvimento histórico, a burguesia desenvolve necessariamente o seu caráter antagônico que, inicialmente, aparece mais ou menos disfarçado, existindo apenas em estado latente. À medida que a burguesia se desenvolve, desenvolve-se no seu interior um novo proletariado, um proletariado moderno: desenvolve-se uma luta entre classe proletária e a classe burguesa, luta que, antes de ser sentida por ambos os lados, percebida, avaliada, compreendida, confessada e proclamada abertamente, manifesta-se previamente apenas por conflitos parciais e momentâneos, por episódios subversivos (MARX, 1979, p. 117).

Apesar de Marx (1979) não ter configurado os movimentos sociais em seus escritos, eles tornaram-se um meio importante de luta da classe trabalhadora. Sendo o Estado representante da classe dominante, as políticas públicas atendem a esse pequeno grupo, assim, a educação pública e gratuita a qual a classe trabalhadora tem acesso, não visa à emancipação do sujeito dentro da sociedade, pelo contrário, as políticas educacionais tendem a colocar dentro do campo educacional a perpetuação do sistema capitalista. As escolas recebem cunho de formação para o mercado de trabalho, a formação nos espaços educacionais não visam a formação integral do sujeito, e sim, uma formação aligeirada, sem sentido, e que fará com que as instruções mínimas recebidas façam com que se torne alheio a toda organização da sociedade. Para Lefebvre (1972, p. 172):

O indivíduo encontra-se assim simultaneamente socializado, integrado, submetido a pressões e a sujeições pretensamente naturais que o dominam (nomeadamente no seu quadro de espaços, a cidade e as suas extensões), e separado, isolado e desintegrado. Contradição que se traduz pela angústia, pela frustração e pela revolta.

O processo de globalização exige que a sociedade se adapte às novas condições do mercado. Assim, a educação passa a focar-se na formação do trabalhador mais adequado aos novos padrões de

exploração, como o ensino técnico e fragmentado, impossibilitando a formação integral do sujeito e subtraindo todos os conhecimentos que pudessem impedir de serem explorados, recebendo apenas, conhecimentos básicos que os incluam e os mantenham na sociedade, mas sempre sendo ferramenta de mais-valia. Ainda, segundo Duarte (2001, p.72):

[...] há necessidade, no plano ideológico, de limitar as expectativas dos trabalhadores em termos de socialização do conhecimento pela escola, difundindo a ideia de que o mais importante a ser adquirido por meio da educação não é o conhecimento, mas sim a capacidade de constante adaptação às mudanças no sistema produtivo.

As desigualdades sociais ficam em evidência sendo justificada pela falta (ou pouca) capacidade do indivíduo em aprender, pois as desigualdades econômicas refletem-se na desigualdade de acesso ao conhecimento, ou seja, responsabilizam o indivíduo sem formação por sua condição financeira. Podemos verificar que as propostas no campo educacional tendem a exaltar o desenvolvimento individual do aluno, deixando de lado a formação integral de suas relações com o meio social. Aprender sozinho é algo que contribui para autonomia, sendo a transmissão de conhecimento por outra pessoa, um obstáculo para aprendizagem.

Toda flexibilidade e aptidão às mudanças têm por finalidade preparar o indivíduo para as futuras e novas exigências do capitalismo. De acordo com Duarte (2001) “[...] é ilusório, portanto, crer que a ideia de educação, como fator central do novo paradigma produtivo e do desenvolvimento econômico, tenha um sentido democratizante” (DUARTE, 2001, p. 68). Repensar a educação vem sendo nada mais que uma iniciativa de mercado.

Entretanto, os sujeitos partícipes do processo escolar, estão cada vez mais desejosos de participar ativamente dos rumos da educação. A fim de entender o sentimento de renovação que o jovem traz consigo nessa fase de transição, a compreensão do movimento é necessária para que possamos mapear a sua constituição histórica, que está quase sempre ligada à luta em defesa dos serviços sociais e em defesa de questões educacionais.

### ***Movimento estudantil secundarista***

Diante do exposto até aqui, é necessário inferir sobre a condição do MES. Apesar de não se configurar como um movimento social de trabalhadores, ele tem sua importância ao se organizar como tal, pois, em sua maioria, é constituído por filhos da classe trabalhadora, e por sujeitos sociais jovens que já estão inseridos no mercado de trabalho. Outro ponto importante a ser destacado é em relação ao momento de transição. Os jovens estudantes estão em momento de formação para inserção no mundo social do trabalho. Tendo isso em vista, a sua luta por uma educação que lhe garanta o conhecimento e a luta por uma educação emancipatória são necessárias nesse período. Neste estudo, o foco recai sobre o MES, o esforço é configurá-lo como um meio de organização de jovens estudantes que, dentro da sociedade formada em classes antagônicas, e sabendo que a educação ofertada pelo Estado tende a suprir interesses de uma classe dominante, torna-se um meio de conscientização da posição dos sujeitos sociais dentro da organização da sociedade.

O MES se constitui como uma categoria sociológica por trazer a contradição das relações na sociedade. O desejo de participação política por parte dos jovens, há tempos, é inegável em nossa sociedade. Entretanto, eles acabam não exercendo pressões políticas por si só, devido à falta condições de exercer uma participação mais ativa na área política ou na sociedade. Suas reivindicações são pautadas e agrupadas a movimentos sociais institucionalizados ou representativos. No entanto, a escola, sendo uma instituição da qual fazem parte, torna-se o local para exercerem sua pressão, levantando as questões problemáticas que envolvem a ordem pública. “Embora impedidos pela sua condição de grupo informal de questionar diretamente a sociedade, são extremamente sensíveis às contradições desta, aspiram agir sobre elas, mas sua atuação passa, necessariamente, pela mediação [...]” (FORACCHI, 1977, p.75). A ação do MES se dará devido à crise educacional, que atinge esses jovens diretamente, repercutindo na vida social e reforçando a conotação radical de sua insatisfação com medidas políticas, o que proporciona, assim, um objetivo coerente à sua manifestação.

[...] transformando-se em estudante e procurando dar sentido renovador ao seu projeto de carreira, o jovem está, ao mesmo tempo, reconhecendo os contornos de uma condição alienada, tal como se formula no plano da experiência familiar, e lutando para ultrapassá-la com os recursos de engajamento de que dispõe como estudante, ou seja, como futuro profissional. Neste sentido, as dimensões socializadoras da experiência familiar devem ser consideradas interativas, pois estimulam tanto o ajustamento do jovem aos moldes amplos e críticos, quanto a emulação das suas virtualidades criadoras que o fazem aderir prontamente aos projetos de transformação social. Aceitar criticamente a ordem social competitiva equivale a adotar um estilo de atuação que objetiva modificá-la (FORACCHI, 1977, p. 299).

Como meio de resistir a uma formação de sociedade que explora a classe trabalhadora, os estudantes secundaristas se constituíram, há muito tempo como um movimento social que luta em prol da educação pública. As lutas e reivindicações do Movimento Secundarista não acontecem de forma abstrata, ou seja, inserem-se em um contexto real e histórico, no qual o direito à educação pública e de qualidade é constante e reiteradamente reivindicada, pelos movimentos sociais da área da educação. Ao longo da história brasileira o processo educacional alia aos interesses políticos e econômicos dos setores dominantes da sociedade. Em alguns períodos, como o da Ditadura Civil-Militar, a educação passou a ser organizada com caráter mais tecnicista e fragmentada, reforçando, assim, tendências históricas de ofertar tipos distintos de ensino, conforme a classe social atendida.

Como afirmou Sader (2008), o objetivo central de quem luta por uma sociedade justa e contra uma sociedade mercantil, que aliena os sujeitos da classe trabalhadora e prega a intolerância, é a emancipação humana. Podemos ter a educação como um meio essencial para a mudança da sociedade, que seja ressaltado: um meio para mudança, e não a responsável única pela transformação desta sociedade. Entretanto, a oferta da educação se transformou em instrumento de dominação, um instrumento que forma cidadãos apenas para adentrarem ao mercado de trabalho. No Brasil, a expansão da oferta de ensino público foi pensada para atender as demandas do capital. Era preciso uma educação que pudesse dar suporte necessário para o indivíduo entender o funcionamento da maquinaria, além de transmitir valores que legitimavam um determinado grupo no poder. Tornou-se assim, uma peça do processo de acumulação de capital e do estabelecimento de um consenso que tornou possível a reprodução do sistema

de classes antagônicas. Portanto, ao invés de emancipar o sujeito, coloram em prática mecanismos para perpetuação e reprodução de classes.

### ***Considerações finais***

A organização da sociedade está intrinsecamente ligada à organização do trabalho, o trabalhador explorado, que muitas vezes sequer entende como funciona a sociedade, é o que rege o sistema capitalista. A tomada de consciência por parte desse trabalhador pode levar, e levou, a grandes revoluções, segundo Marx, a revolução dos meios de trabalho é o ponto de partida para a história. Na medida em que a força de trabalho se torna indispensável ao acúmulo de capital, faz-se necessário a utilização de trabalhadores flexíveis, e alienados ao modo de produção capitalista.

As manifestações do MES não acontecem de forma isolada aos acontecimentos políticos dentro da organização da sociedade pautada no modo de produção capitalista que visa à acumulação de capital por uma pequena parcela, a classe dominante. Compreender as demandas deste movimento perpassa a análise supérflua de sua organização, é preciso compreender o contexto histórico. Desde que se firmou no poder, a burguesia deparou-se com a resistência e manifestação dos trabalhadores. Entretanto, a classe dominante encontra meios diversos de repressão e manipulação para que o trabalhador continue em sua condição de explorado. É vendida uma ideia meritocrática, em que a liberdade dentro do sistema dará as mesmas oportunidades a todos os sujeitos. O que se vê, na realidade, é uma classe que retém os meios de produção e, por conseguinte, a acumulação de capital; e uma classe trabalhadora que, para sua sobrevivência, tem a única opção: a venda de sua força de trabalho.

A educação torna-se campo experimental, em qualquer sistema político, seja ele regime ditatorial ou democrático. Ou seja, a educação é usada pelo sistema capitalista a fim de perpetuar a alienação nos sujeitos e assim determinar a função de cada um perante a sociedade. Deixa a ilusão que os indivíduos são a causa dos problemas sociais. Para que de fato ocorra emancipação da classe trabalhadora, os movimentos sociais tornam-se imprescindíveis. Uma vez que, o Estado e os detentores do capital, farão com que o acesso a informação e politização da camada social mais baixa, sejam restritas. No âmbito da educação escolar, a escolarização ofertada à classe trabalhadora é voltada apenas para formação de mão de obra, restringindo essa classe a participação política.

O caráter contraditório nos espaços educativos é resultante dos projetos antagônicos de hegemonia dos grupos sociais. A escola estatal tende a reproduzir, através da implementação de políticas educacionais, a estrutura da sociedade capitalista. Colocando em prática uma formação de sujeitos para se adaptarem a divisão de classes. A classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho e, portanto deve receber uma formação precária para que não compreenda que tal divisão, fundada sob a perspectiva de propriedade privada dos meios de produção, a qual a classe dominante se apropria do excedente do capital, transforma a classe trabalhadora em uma massa de sujeitos que, em sua maioria, vivem na miséria. Por outro lado, a classe dominante articula para que a formação dos sujeitos seja a manutenção da ordem vigente, ao mesmo tempo em que contribui para que o projeto de educação não seja a destruição do

sistema capitalista. Ou seja, as políticas educacionais são elaboradas de uma forma que vela as reais intenções, trazem em sua superficialidade uma ideia de formação do sujeito, quando na verdade, é uma formação de mão de obra que reduz os sujeitos históricos a meros trabalhadores.

O MES, tendo como ótica a luta pela manutenção da escola pública e gratuita. Faz-se necessário analisar a organização do movimento como meio de garantir o posicionamento dos alunos e a atuação destes contra políticas públicas austeras direcionadas à educação do país. Tais políticas têm contribuído para o desmonte das escolas públicas. Apesar de que não seja considerado um movimento popular de trabalhadores, é um movimento de caráter social e de massa com posicionamento contestatório à ordem política vigente, que na Ditadura Civil-Militar iniciou um processo de reorganização onde os estudantes se coloram contrários às arbitrariedades da ditadura. Contudo, o MES se consolidou como movimento contestatório neste período, apresentou-se como uma ameaça à política vigente, pois os detentores do poder desejavam manter a população sem instruções necessárias, para que assim, consolidassem o Golpe. Na década de 1980, lutaram pela redemocratização do país e, mais tarde, se posicionaram contra as políticas neoliberais. Há, portanto, um histórico de lutas e mobilizações realizadas por esse movimento. Nos dias atuais, houve um levante dos estudantes secundaristas da rede pública de ensino, desejosos por mudanças nas concepções educacionais.

As manifestações do MES ocorridas ao longo da história é um aspecto importante para se compreender a relação entre quem oferta a educação e os que dela necessitam. A totalidade destes momentos históricos nos revela que as contradições, inerentes a educação, são latentes e por isso é preciso um esforço para compreendê-las em sua essência.

### **Referências**

- DUARTE, Newton. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudencio. **Os Circuitos da História e o balanço da educação no Brasil na primeira década do Século XXI**. In: Revista Brasileira de Educação. V. 16, n. 46, 2011. p. 235-254. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a13>
- FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1977.
- LENIN, V. I. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Hucitec. 1987
- LEFEBVRE, **O pensamento Marxista e a cidade**. São Paulo: Ulisseia. 1972.
- MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo: Global. 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes. 1998
- NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense. 2006
- ROSA, Marcelo do Nascimento; NASCIMENTO, Aline Cristina. **Marxismo e Movimento Social: um elo possível?** Seminário Nacional de Teoria Marxista. Uberlândia, MG. 2014.
- SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SHIROMA, E.; MORAES, M.; EVANGELISTA, O. **Política educacional**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

WOOD, Ellen Meiksins. **O que é (anti)capitalismo?** Crítica Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.17, 2003, p.37-50.

---

**Notas:**

- <sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, Graduação em Pedagogia pela UNESP/Marília. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES. Email: [rb.leme@yahoo.com.br](mailto:rb.leme@yahoo.com.br)
- <sup>2</sup> Partindo do pressuposto que apenas 20% da população mundial é detentora do capital equivalente aos 80%. É uma minoria que domina e explora a maioria da população.
- <sup>3</sup> FRIGOTTO, Gaudêncio. Os Circuitos da História e o balanço da educação no Brasil na primeira década do Século XXI. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n. 46, 2011. p. 235-254.
- <sup>4</sup> A ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados (BOTTOMORE (Org.). 1988).
- <sup>5</sup> É o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (BOTTOMORE (Org.). 1988).
- <sup>6</sup> Os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. Essa síndrome, que impregna a produção capitalista, é por ele denominada fetichismo, e sua forma elementar é o fetichismo da MERCADORIA enquanto repositório ou portadora do VALOR (BOTTOMORE (Org.). 1988).
- <sup>7</sup> O capital é transformado em dinheiro, equipamento etc. (NETTO, 2006, p.17)